

TEXTO PARA DISCUSSÃO N° 188

**PERFIL DE COMPRA DE PRODUTOS BÁSICOS
EM ASSENTAMENTOS RURAIS:
EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS**

Altivo R A. Almeida Cunha

Março de 2003

Ficha catalográfica

338.43(81) C972p 2003	Cunha, Altivo.R. A. Almeida. Perfil de compra de produtos básicos em assentamentos rurais: evidências empíricas / por Altivo.R. A. Almeida Cunha. - Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2003. 18p. (Texto para discussão ; 188) 1. Agricultura e estado – Brasil. 2. Política alimentar – Brasil. 3. Brasil – Condições rurais.I. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional. II. Título. III. Série.
-----------------------------	--

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL**

**PERFIL DE COMPRA DE PRODUTOS BÁSICOS EM ASSENTAMENTOS RURAIS:
EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS¹**

Altivo R A. Almeida Cunha

Professor da Faculdade de Ciências Econômicas/UFMG.
Doutorando em Economia (UNICAMP).
E-mail: altivo@cedeplar.ufmg.br

**CEDEPLAR/FACE/UFMG
BELO HORIZONTE
2003**

¹ Este trabalho foi elaborado para o projeto Fome Zero do Instituto da Cidadania. Agradeço em especial a contribuição do economista Marcelo Brandão nos cruzamentos do Banco de Dados.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA	6
3. INDICAÇÕES SOBRE NÍVEL DE RENDA FAMILIAR NOS ASSENTAMENTOS	9
4. HÁBITOS DE COMPRA EM ASSENTAMENTOS	13
5. IMPLICAÇÕES PARA POLÍTICAS PÚBLICAS	17
6. BIBLIOGRAFIA	18

1. INTRODUÇÃO

Um dos maiores “buracos negros” da estatística nacional refere-se aos hábitos de consumo de populações rurais, principalmente no aspecto referente ao consumo alimentar. As pesquisas nacionais de hábito de compra, as Pesquisas de Orçamento Familiar (POF) utilizadas, entre outros fins, para definição da cesta de produtos que compõem o custo de vida, têm como base amostral onze grandes capitais, (nove regiões metropolitanas) não sendo incluída nenhuma comunidade rural.

Esta lacuna de informações torna-se problemática quando se pretende extrapolar os índices de custo de vida para médios e pequenos municípios ou quando se pretende estruturar políticas públicas de segurança alimentar que contemplem os hábitos alimentares das diversas regiões brasileiras.

Na área rural, esta lacuna é ainda mais grave, pois a transposição de hábitos de compra urbanos para a realidade rural é ainda mais problemática. Geralmente os estudos sobre distribuição de renda rural pressupõem um grau de auto-consumo alimentar, a partir do destino da produção, o que permitiria avaliar indiretamente uma pequena parcela de consumo de produtos “básicos” que podem ser produzidos na propriedade. No entanto, tais informações nada podem informar sobre o consumo de produtos não produzidos na propriedade ou mesmo produtos elaborados industrialmente.

Um outro aspecto relevante, e frequentemente ignorado pelos estudos de hábitos alimentares, refere-se às relações de compra de alimentos - como local e frequência de compra - deste público que é simultaneamente produtor e consumidor de alimentos básicos e elaborados.

Qual a importância desta questão e quais suas implicações em termos de políticas públicas de segurança alimentar?

A primeira questão relevante é o conhecimento da pauta de produtos de consumo não-duráveis adquiridos que caracteriza uma cesta de consumo e, conseqüentemente, fornece uma *proxy* do custo de vida familiar rural.

Subjacente à questão da determinação da cesta de consumo familiar rural está a avaliação do grau de “urbanização/padronização dos hábitos de compra alimentar”. Especificamente, é uma questão relevante identificar o grau de difusão do padrão urbano de compra alimentar, baseado em alimentos processados, no meio rural.

Uma terceira implicação refere-se ao tipo de estabelecimentos onde são adquiridos estes alimentos. O meio urbano testemunha o crescimento exponencial dos estabelecimentos de auto-serviço (supermercados). Segundo dados do BNDES, o segmento de auto-serviço, representava em 1995 cerca de 85% do abastecimento interno de alimentos e de produtos de higiene e limpeza embora representassem apenas 15,5% do número total de unidades varejistas. (BNDES, 1996). Para o abastecimento das famílias do meio rural, qual a importância deste tipo de estabelecimento ?

Uma quarta questão refere-se ao cruzamento das informações relativas ao local de venda de produtos agropecuários, *in natura* ou elaborados e o local de compra destes produtos pelos produtores. Predomina a venda cruzada entre produtores ou a intermediação por estabelecimentos comerciais?

Estas questões têm importância na medida em que políticas de abastecimento alimentar urbanas baseadas na criação de programas de comercialização de alimentos com margens de lucro

reguladas e a criação de espaços para comercialização direta de alimentos por produtores alcançam resultados expressivos para compradores e vendedores.² Para o caso do abastecimento alimentar no rural, estes programas de estruturação de oferta direta podem ser potencializados pela sinergia dos produtores enquanto compradores, estabelecendo uma ponte entre programas de organização rural, como os programas de reforma agrária e os programas de abastecimento alimentar.

Neste artigo são apresentados alguns dados sistematizados sobre hábitos de compra em assentamentos rurais, obtidos a partir de pesquisa em fontes primárias, que podem contribuir para avaliar padrões de consumo rural.

É relevante ressaltar, no entanto, que a análise de hábitos de compra em assentamentos rurais envolve uma série de variáveis e externalidades que tornam a questão sensivelmente complexa.

Os hábitos de compra podem ser interpretados como função do padrão de renda determinados pelos recebimentos familiares e condicionado pelos hábitos regionais. No caso dos assentamentos rurais, têm influência sobre o nível de renda familiar o tempo de existência e o estágio produtivo do assentamento, o tamanho do lote, o tipo de exploração agropecuária e o repasse de crédito governamental para alimentação. É relevante também a proximidade ou o acesso do assentamento aos núcleos urbanos e a própria estrutura urbana com a qual os assentados mantêm vínculos sociais e comerciais.

A despeito desta complexidade, os dados obtidos na pesquisa realizada com 397 famílias em 18 assentamentos rurais do Noroeste de Minas Gerais, surpreendem ao identificar uma relevante pauta de compra em estabelecimentos comerciais urbanos, com implicações evidentes sobre a composição do custo de vida rural.

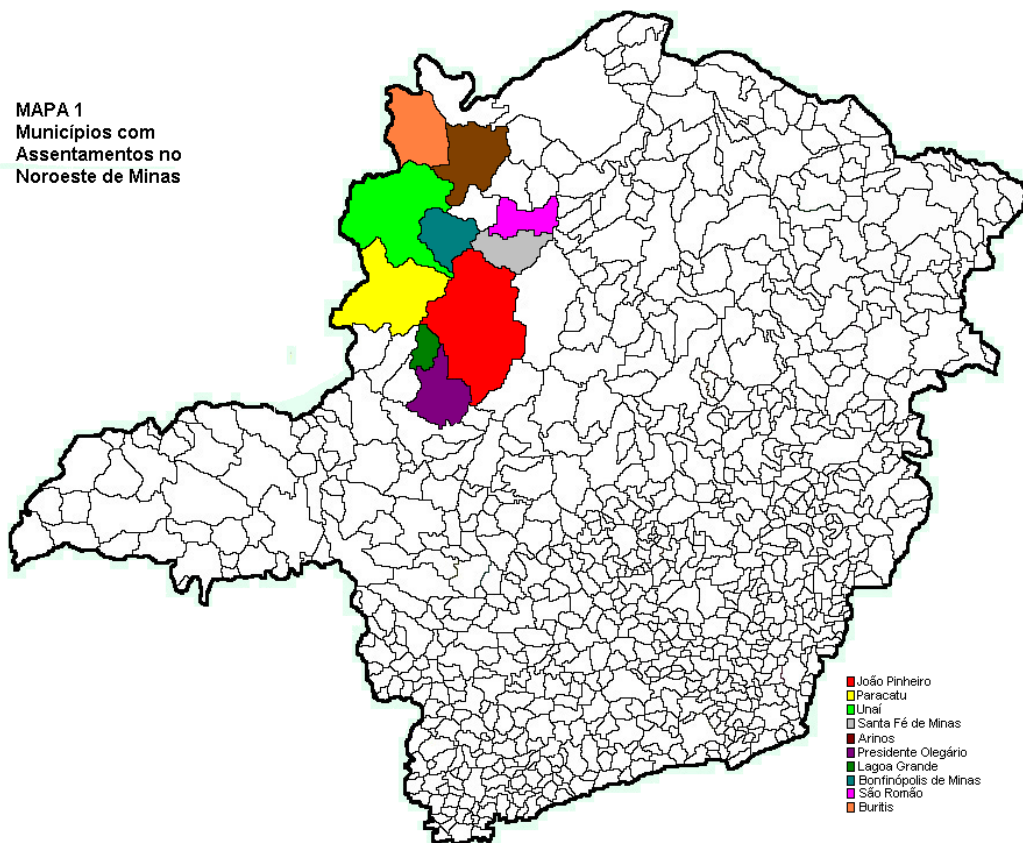
2. CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA

As informações apresentadas neste artigo foram obtidas a partir de cruzamentos especiais de uma pesquisa de campo realizada em setembro de 1998, com o objetivo de analisar o processo de geração de renda nos assentamentos de reforma agrária na região Noroeste do estado de Minas Gerais.³

² Exemplos da eficácia destes programas estão relatados em Cunha et. al. (2000)

³ Perfil Socioeconômico dos assentamentos Rurais : Noroeste de Minas . Instituto Lumen/PucMinas . Janeiro de 1999. Uma análise dos resultados globais da pesquisa encontra-se em Cunha et alii (1999).

MAPA 1
Municípios com
Assentamentos no
Noroeste de Minas



A pesquisa quantitativa foi estruturada a partir de uma amostra de 397 questionários, aplicados nas unidades familiares de 18 assentamentos rurais que se localizam em 11 municípios da região Noroeste do estado de Minas Gerais.⁴ A amostra foi estratificada de acordo com o número de famílias por assentamento, de forma a assegurar a representatividade estatística de assentamentos considerados grandes, médios e pequenos.

⁴ A região Noroeste de Minas Gerais, área de agricultura de cerrado é a segunda região granífera do estado e onde se concentram o maior número de assentamentos em Minas Gerais. Situada na área de influência do Distrito Federal, é polarizada pelos municípios de Paracatu (75.216 habitantes no Censo de 2000) e Unai (70.033 habitantes em 2000).

TABELA 1
Distribuição da amostra por municípios e assentamentos

Grupo	Município	Assentamento	Famílias	Amostra
1	João Pinheiro	Fruta D'Anta	220	48
	Unai	Palmeirinha	183	40
2	Pres. Olegário	Santo Antônio	173	38
	Santa Fé de Minas	Tamboril	141	31
	Paracatu	Nova Lagoa Rica	111	24
3	Unai	Boa União	99	22
	Unai	São Pedro Cipó	80	17
	João Pinheiro	Floresta	77	17
	Natalândia	Saco do Rio Preto	66	17
	Buritit	Vida Nova	64	17
4	Lagoa Grande	Nova Conquista	63	16
	Buritit	Mãe das conquistas	60	16
	Arinos	Mimoso	59	16
	Lagoa Grande	Aliança e Progresso	52	17
	Bonfinópolis de Minas	Assa-Peixe	51	17
	Riachinho	Brejo Verde	49	16
5	Unai	Renascerc	45	16
	Natalândia	Mamoneiras	35	12
Total			1628	397

Fonte: Lumen/Pucminas. 1999.

Os assentamentos pesquisados tinham, na época da pesquisa, entre 2 e 12 anos de existência, com distintos padrões de número de assentados, variando entre 35 e 220 famílias assentadas (**tabela 2**).

TABELA 2
Características Gerais dos Assentamentos Pesquisados

Projeto de Assentamento	Município	No. de Famílias	Ano de Criação	Tamanho do lote	
				Média	Mediana
Aliança e Progresso	Lagoa Grande	52	1996	52	52
Assa Peixe	Bonfinópolis	51	1992	57	54
Boa União	Unai	99	1996	24	22
Brejo Verde	Riachinho	49	1989	44	45
Floresta	João Pinheiro	77	1996	41	37
Fruta Danta	João Pinheiro	220	1986	73	70
Mamoneiras	Bonfinópolis	35	1995	49	51
Mimoso	Arinos	59	1989	57	57
Nova Conquista	Lagoa Grande	63	1996	24	23
Nova Lagoa Rica	Paracatu	111	1996	40	41
Palmerinha	Unai	183	1986	35	35
Renascerc	Unai	45	1996	31	28
Saco do Rio Preto	Bonfinópolis	66	1995	34	32
São Pedro do Cipó	Unai	80	1992	47	46
Tamboril	Santa Fé de Minas	141	1995	40	38
Vida Nova	Buritit	64	1996	28	25

Fonte: INCRA/MG.

3. INDICAÇÕES SOBRE NÍVEL DE RENDA FAMILIAR NOS ASSENTAMENTOS

As atividades produtivas dos assentamentos, determinantes da renda familiar, foram objeto de investigação, enfocando basicamente a escala produtiva e o uso de tecnologia, associado às atividades da agricultura e pecuária. Em relação às atividades agrícolas, os resultados evidenciam a predominância de cultivos tradicionais como milho, mandioca, arroz, cana e feijão (em ordem de importância) em pequena escala: 97% das explorações, considerando o total cultivado nos lotes, tinham área cultivada inferior a 5 ha. (tabela 3)

TABELA 3
Área dos cultivos temporários nos assentamentos do Noroeste de Minas Gerais. 1999

Cultura cultivada no lote	área em ha						Total
	menos de 1	de 1 a 2	de 2 a 5	de 6 a 10	mais de 10	mais de 20	
Milho	9%	31%	56%	2%	1%		100%
Mandioca	46%	42%	12%				100%
Arroz	18%	39%	40%	2%	2%		100%
Cana de açúcar	40%	41%	18%	1%			100%
Feijão	51%	40%	7%	1%		1%	100%
Sorgo	9%	50%	36%		5%		100%
Capim	33%	33%		17%	6%	11%	100%
Amendoim	67%	33%					100%
Batata	75%		25%				100%
Capineira	33%	67%					100%
Açafrão	100%						100%
Abóbora		100%					100%

Fonte: Lumen 1999. Pesquisa primária

Identificou-se que a exploração de apenas um tipo de cultivo é pouco freqüente, dado o caráter de produção para auto-consumo. O padrão mais comum é o de exploração de 2 a 4 cultivos no lote (55% das propriedades). As combinações de cultivo mais freqüentes, para duas explorações, são as de milho e arroz (42% das propriedades nesta condição). Para três ou quatro cultivos, milho, mandioca, arroz e cana são as culturas combinadas com maior freqüência.

Apesar da pequena escala produtiva, o uso de tecnologia agrícola é razoavelmente difundido nos assentamentos. Cerca de 55% dos assentados realizam análise e correção de solos e 58% utilizam sementes melhoradas, valor superior à média verificada nos assentamentos de Minas Gerais (33%).⁵ Cerca de 63% fazem adubação química (valores superiores à média dos assentamentos em Minas Gerais - 55,8% - bem como da média para o estado, situada em 61,8% em 1996). Defensivos são utilizados por 41% das propriedades, próximo à média verificada para os assentamentos de Minas Gerais segundo o INCRA (1996). O índice de tratorização é elevado, presente em 74% das propriedades, bastante superior à média para os assentamentos mineiros (47,2%) e da média para o estado, situada em 18,1%, fator que pode ser explicado pelos financiamentos para aquisição de máquinas pelas associações de assentados. Estes índices proporcionalmente elevados de utilização de

⁵ I Censo de reforma agrária, INCRA/CRUB/UnB, 1996.

tecnologia, decorrem do expressivo grau de cobertura da assistência técnica, declarada em 85% pelos assentados e qualificada como excelente e boa por mais de 75% dos assentados entrevistados.

Em relação às frutas e hortaliças, os levantamentos indicam uma razoável gama de culturas cultivadas (14 frutas e 16 hortaliças com menção mais relevante) porém em pequena escala e com destino quase exclusivamente ao autoconsumo: apenas 2% dos assentados comercializam frutas e 1% comercializam hortaliças. A diversidade destes cultivos, ainda que não expressiva em termos de área ou renda, pode revelar sua potencialidade a ser desenvolvida nos projetos de assentamentos. No caso de culturas permanentes, as frutas cítricas – laranja (33%), limão (7%) e mexerica (5%) – são cultivados em 45% das propriedades, sendo relevante também o cultivo de frutas tropicais, como manga, banana, caju e abacaxi. No caso de hortaliças, os cultivos mais comuns, destinados ao autoconsumo, são de alface, couve, tomate e de alguns tubérculos, como cenoura, cebola, beterraba e alho.⁶

As atividades de extrativismo são frequentes na área, sendo que cerca de 60% das propriedades produzem lenha e quase um terço (28%) madeira. Lenha e madeira são, no entanto, destinadas prioritariamente ao auto consumo. O caso do carvão é o oposto: apenas 16% dos assentados produzem carvão, sendo que destes, 77% comercializam, principalmente para siderúrgicas ou para caminhoneiros – carvoeiros.

A pecuária, em especial a leiteira é uma das atividades importantes na geração de renda dos assentamentos, embora seja caracterizada pela pequena escala . Cerca de 65% dos entrevistados têm algum nível de atividade leiteira, sendo que destes, 66% dos produtores de leite possuíam até 5 vacas em fase de lactação e 27% entre 6 e 10 vacas leiteiras.

Dos produtores de leite, 47,7% fazem queijos, uma atividade que mobiliza fundamentalmente o trabalho das mulheres. O quadro seguinte exemplifica o padrão da pecuária leiteira nos assentamentos da região Noroeste de Minas Gerais.

TABELA 4
Tamanho do plantel de vacas em lactação nos assentamentos do
Noroeste de Minas Gerais. 1999

Vacas em Lactação	
No. de cabeças	Frequência
1 a 2	34%
3 a 5	32%
6 a 10	27%
11 a 15	5%
16 a 25	2%

Fonte: Lumen/Pucminas 1999.

⁶ Um caso excepcional observado nas pesquisas qualitativas merece menção por sua significância em termos de oportunidades a serem desenvolvidas. Um assentado (PA Nova Lagoa Rica – Paracatu) obtinha renda mensal de R\$ 450/mês , valores equivalentes a 3,46 salários mínimos da época, ou US\$ 384,60, com a comercialização de quiabos, destinada aos sacolões da cidade. Como analisado em sequência, este padrão de rendimento é expressivamente superior ao auferido pela média dos assentados. Ainda que as condições específicas de seu lote sejam qualitativamente superiores (proximidade à fonte de água) é razoável supor que este modelo de exploração possa ser reproduzido por outros assentados.

TABELA 5
Produção diária de leite nos assentamentos do Noroeste de Minas Gerais. 1999

Produção de leite		
Litros/dia	Águas	Seca
Até 5	42%	81%
6 a 10	47%	18%
11 a 15	8%	1%
16 a 25	1%	0%
26 a 40	1%	0%

Fonte : Lumen/Pucminas. 1999.

A pesquisa identificou também a relação comercial da produção de lácteos e derivados, identificando um baixo grau de comercialização para o produto *in natura*: em relação aos que produzem leite, apenas 28% o comercializam, destinando a produção fundamentalmente para as cooperativas locais (88% dos casos). No caso de queijos, o índice de comercialização sobe para 49%, predominando a venda na própria propriedade e no comércio em geral (respectivamente 32% e 30%) .

Uma das grandes dificuldades das pesquisas rurais encontra-se na estimação da renda familiar, por uma série de fatores metodológicos como subestimativa e falta de informações precisas. Tais fatores são ainda potencializados quando o instrumento de aferição de renda baseia-se em entrevistas diretas, como o caso desta pesquisa. Apenas 30% das famílias entrevistadas declararam obter renda monetária (38% dos que têm explorações agrícolas) a partir da comercialização de produtos agrícolas (*strictu sensu*), sendo que parcela ainda menor sabe precisar sua renda (21%).

Informações espontâneas, no entanto, têm relevância comparativa dentro do universo pesquisado e contribuem para identificar mais precisamente a fonte dos rendimentos do que sua dimensão.

Algumas constatações podem ser destacadas: apesar da frequência de cultivos por lotes situar-se, predominantemente, entre duas a quatro culturas, a maioria dos assentados do Noroeste de Minas comercializa apenas um produto, geralmente o milho e em escala menor arroz e mandioca. Os principais destinos dos produtos são: o próprio assentamento (34% dos casos) e o comércio varejista local (25%). Os padrões de renda auferida, por cultura e por safra, são baixos. Por hectare, o rendimento médio de arroz situa-se na faixa de R\$ 215,00 e o de milho em R\$ 200,00. Dada a área média cultivada (3,1 ha e 3,3 ha para milho e arroz, respectivamente) a renda média por exploração (considerando a safra agrícola) do milho situa-se em R\$ 620,00 e a do arroz em R\$ 702,00, equivalentes à época respectivamente a 4,7 e 5,4 salários mínimos.⁷ A massa bruta de rendimentos nesta amostra é concentrada no milho, três vezes superior à de arroz.

⁷ À época da pesquisa o salário mínimo era de R\$130,00 e o dólar comercial estava cotado a R\$1,17.

TABELA 6
Tamanho das explorações e renda média por cultivos.
Assentamentos do Noroeste de Minas Gerais. 1999

Renda e área	Culturas		
	Milho	Arroz	Mandioca
Renda média bruta (R\$/ha)	200,60	215,30	79,17
Área total cultivada (ha)	198,10	62,00	9,90
Área média cultivada (ha)	3,10	3,30	1,40
Renda Bruta total (R\$)	39.738,86	13.348,60	783,78
Renda média bruta por exploração (R\$)	621,86	710,49	110,838

Fonte: Lumen/Pucminas. 1999.

TABELA 7
Produção, comercialização e renda dos produtos laticínios
Assentamentos do Noroeste de Minas Gerais.1999

Produtos	Produzem *	Comercializam *	Renda média Mensal (R\$)
Leite	65%	18%	208,65
Queijo	30%	15%	194,13
Requeijão	14%	3%	70,00

Fonte: Lumen/Puc Minas.1999

* em relação ao total da amostra

Em relação a rendimentos não oriundos diretamente da atividade agropecuária, verificou-se que a ocorrência de rendimentos permanentes é pouco expressiva no orçamento familiar dos assentados: menos de 10% das famílias entrevistadas possuem algum membro recebendo salário, aluguel ou ajuda de parentes. A aposentadoria, isoladamente, tem mais significância do que as outras formas de rendimento não-agrícola, representando o complemento da renda para 14% das unidades familiares.

Da amostra de 397 famílias (constituídas de 1.773 elementos) apenas 37 pessoas recebem salários (valor médio de R\$ 207,15), 65 recebem aposentadoria ou pensão (todas no valor de R\$ 130,00) e 17 afirmaram receber aluguéis no valor médio de R\$ 82,00 mensais.

TABELA 8
Fontes de renda não agropecuária por categorias. Assentamentos do Noroeste de Minas Gerais. 1999

Amostra e renda	Salários	Aposentadoria	Pensão	Aluguéis	Transferências interfamiliares
No. de pessoas que recebem	37	57	8	17	7
Porcentagem em rel. às famílias	9,3%	14,4%	2,0%	4,3%	1,8%
Porcentagem em rel. indivíduos	2,1%	3,2%	0,5%	1,0%	0,4%
Rendimento médio mensal	207,15	130,00	130,00	82,00	85,00

Fonte: Lumen/Puc Minas.1999. Elab. do autor.

Rendimentos temporários fazem parte do orçamento familiar de 34% das famílias entrevistadas mas são obtidos por apenas 8% de todo o universo amostral. As pessoas que executam trabalhos temporários ganham, em média, R\$ 8,00 por dia, trabalhando em torno de 14 dias no mês. Os meses em que estas pessoas têm maior oportunidade de trabalhar fora são janeiro e agosto, respectivamente. Os municípios onde os trabalhos temporários são realizados são basicamente os mesmos onde situam-se os assentamentos, não ocorrendo migração extra regional temporária

4. HÁBITOS DE COMPRA EM ASSENTAMENTOS

As informações referentes aos hábitos de compra de gêneros de consumo doméstico das famílias de assentados enfocou a ocorrência e a frequência de compra de produtos essenciais pelos assentados e o local de compra dos bens de consumo.

Uma vez que realizar uma *pesquisa de orçamento familiar* envolve uma metodologia e operacionalização específicas, fora dos objetivos originais da pesquisa realizada, optou-se por investigar qual a **pauta** de produtos consumidos e *adquiridos monetariamente* pelos assentados. Em outras palavras, não se investigou quanto, mas **o quê e onde** os assentados compram produtos de consumo doméstico não-duráveis.

Em relação aos produtos de consumo doméstico foram inquiridos a relação de compra de produtos alimentares de origem vegetal e animal, *in natura* e processados, produtos de limpeza, de uso doméstico e de higiene pessoal, totalizando 56 itens de bens de consumo não duráveis. As informações obtidas permitem detalhar a frequência e o local de compra destes produtos classificados em cinco tipos de estabelecimentos comerciais ou locais de compra. Quatorze produtos aparecem como itens mais frequentes de compra das famílias de assentados, (adquiridos por mais de 75% das famílias) divididos entre produtos alimentares básicos *in natura*, alimentos processados e itens de higiene e limpeza, fornecendo um indicativo da pauta básica de consumo familiar. Outros quatorze produtos são regularmente adquiridos por parcela expressiva das famílias (entre 50% e 74% das famílias) (**tabela 9**).

TABELA 9

Pauta de compra de produtos de consumos doméstico em assentamentos em frequência de citações na amostra

Categorias	Percentagem das famílias que compram produtos de consumo doméstico							
	Muito Alta: Mais de 75%		Média-alta: entre 75% e 50%		Média-baixa: Entre 50% e 25%		Baixa: Menos de 25%	
Alimentos vegetais in natura	Feijão	92%	Cebola	73%	Banana	43%	Mandioca	14%
	Alho	78%	Batata	73%				
			Tomate	64%				
			Arroz	60%				
			Cenoura	57%				
Alimentos de Origem Animal			Laranja	51%				
	Carne bovina	92%			Manteiga	31%	Queijo	24%
							Carne de Porco	23%
							Leite	12%
							Requeijão	10%
Alimentos de elaboração Primária							Frango	9%
							Ovos	7%
	Café	95%	Temperos	51%	Polvilho	49%	Doces	21%
	Farinha de Trigo	93%			Vinagre	45%		
					Fubá	43%		
Alimentos processados					Pão	40%		
					Far.de Mandioca	38%		
					Rapadura	37%		
	Sal	98%			Biscoito	32%	Achocolatado	17%
	Açúcar	98%					Sardinha	15%
Produtos de Higiene	Macarrão	96%						
	Massa de Tomate	90%						
	Oleo de Soja	82%						
	Pasta de Dente	97%	Absorvente	63%				
Produtos de Limpeza	Sabonete	93%						
	Aparelho de Barbear	90%						
	Papel Higiênico	86%						
Utilidades Domésticas	Sabão em Pó	94%	Detergente	58%	Palha de Aço	39%		
	Sabão em Barra	89%	Água Sanitária	55%				
			Gás	73%	Álcool	35%	Cera	23%
		Fósforo	67%	Raticida	33%	Inset.(espiral)	6%	
		Pilha	61%	Querosene	29%			
		Vela	57%	Inseticida	27%			

Fonte: Lumen 1999. Pesquisa primária .Elaboração do autor
Hachurados os produtos de produção possível nos assentamentos

A caracterização de uma cesta de compras das famílias assentadas revela alguns padrões interessantes que merecem análise mais detida. O primeiro aspecto refere-se as elevadas relações de compra de produtos *in natura*, principalmente feijão, alho, cebola, batata, tomate e arroz, indicando que, no universo investigado, é baixo o grau de auto suficiência de produtos alimentares básicos, produzidos pelos próprios assentados.

O segundo aspecto relevante refere-se a amplitude da pauta de consumo dos assentados, que para a maioria das famílias inclui uma série de bens industrializados de consumos alimentar (açúcar, óleo de soja, macarrão, café, extrato de tomate, farinha de trigo, polvilho) e itens de higiene e limpeza, o que aponta para uma cesta de consumo cuja pauta assemelha-se ao padrão urbano.

Os dados relativos ao local de compra dos principais produtos de consumo não-durável revelam outra importante característica do hábito de consumo das famílias de assentados. Selecionando apenas os produtos alimentares (**tabelas 10, 11 e 12**), observa-se que os assentados adquirem seus bens prioritariamente nas mercearias/supermercados ou nas vendas/armazéns estabelecidos nas localidades urbanas circunvizinhas ao assentamento. Desta forma, estão vinculados ao mercado de consumo dos municípios onde se inserem, representando uma demanda significativa para os estabelecimentos comerciais locais.

No caso dos produtos alimentares de origem vegetal, alguns dados merecem reflexão. Em primeiro lugar, é inexpressiva a ocorrência de compra destes produtos no próprio assentamento. Apenas no caso do queijo – que apresenta baixa ocorrência de compra – é que o comércio no assentamento adquire alguma relevância, sendo o local de compra de um terço dos consumidores deste produto.

TABELA 10

Locais de compra de produtos alimentares de origem vegetal. Assentamentos do Noroeste de Minas Gerais. 1999

Locais de compra	Feijão	Alho	Batata	Cebola	Tomate	Arroz	Cenoura	Laranja
Ocorrência de compra	Alta	Alta	Média-alta	Média-alta	Média-alta	Média-alta	Média-alta	Média-alta
Mercearia/ Supermercado	48%	42%	39%	40%	37%	51%	38%	37%
Venda/ Armazém	40%	33%	35%	32%	33%	37%	33%	31%
Feira/ Mercado	5%	17%	18%	19%	21%	4%	20%	21%
Sacolão	1%	5%	5%	5%	6%		6%	7%
Cooperativa	4%	2%	2%	2%	2%	6%	3%	2%
Atacadista	1%	1%	1%	1%	1%	1%		
Assentamento	1%	1%	1%	1%	1%	1%		0%

Fonte: Lumen Pucminas.Dados Primários Elab. do autor

Ainda no caso dos produtos de origem vegetal, verifica-se a importância dos supermercados e mercearias como equipamento de abastecimento para famílias rurais, e mesmo dos sacolões ou varejões, em detrimento das feiras, típicos equipamentos urbanos de abastecimento em cidades pequenas e um possível espaço para comercialização dos próprios produtos dos assentados.

TABELA 11

Local de compra de Produto alimentares in natura de origem animal Assentamentos do Noroeste de Minas Gerais . 1999

Locais de compra	Carne Bovina	Manteiga	Queijo	Carne de Porco	Leite	Frango	Ovos
Ocorrência de compra	Alta	Média-baixa	Baixa	Baixa	Baixa	Baixa	Baixa
Mercearia/ Supermercado	13%	52%	30%	16%	38%	41%	44%
Venda/ Armazém	17%	37%	34%	22%	35%	41%	41%
Açougue	66%			56%		12%	11%
Assentamento	2%	5%	35%	5%	27%	6%	4%
Feira/ Mercado	1%	3%	1%				
Cooperativa	1%	2%					

Fonte: Lumen Pucminas.Dados Primários Elab. do autor

TABELA 12**Local de compra de Produtos alimentares processados
Assentamentos do Noroeste de Minas Gerais . 1999**

Locais de compra	Macarrão	Café	Farinha de Trigo	Açúcar	Sal	Massa/ Extrato de Tomate	Óleo de Soja
Ocorrência de compra	Alta	Alta	Alta	Alta	Alta	Alta	Alta
Mercearia/ Supermercado	53%	51%	54%	52%	53%	53%	53%
Venda/ Armazém	40%	41%	39%	40%	40%	39%	40%
Cooperativa	5%	5%	5%	5%	5%	5%	5%
Feira/ Mercado	2%	2%	2%	2%	2%	3%	2%
Assentamento	1%		1%	1%	1%	1%	1%

Locais de compra	Temperos	Pão	Farinha de Mandioca	Rapadura	Biscoito	Fubá	Polvilho
Ocorrência de compra	Média-alta	Média-baixa	Média-baixa	Média-baixa	Média-baixa	Média-baixa	Média-baixa
Mercearia/ Supermercado	55%	48%	54%	50%	56%	60%	53%
Venda/ Armazém	39%	40%	41%	40%	39%	37%	41%
Cooperativa	4%	4%	2%	1%	2%		4%
Feira/ Mercado	2%	1%	3%	1%	2%	2%	3%
Assentamento	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%

Fonte: Lumen Pucminas.Dados Primários Elab. do autor.

A relação dos locais de compra dos produtos de higiene, limpeza e de uso doméstico também reforça a importância dos equipamentos urbanos de abastecimento, como mercearias e supermercados em detrimento de cooperativas, que em outras regiões tem um importante papel na comercialização de bens de consumo não-durável.

TABELA 13**Local de compra de Produtos de Higiene pessoal
Assentamentos do Noroeste de Minas Gerais . 1999**

Locais de compra	Pasta de Dente	Sabonete	Aparelho de Barbear	Papel Higiênico	Absorvente
Ocorrência de compra	Alta	Alta	Alta	Alta	Média-alta
Mercearia/ Supermercado	53%	54%	53%	55%	58%
Venda/ Armazém	38%	38%	38%	36%	30%
Cooperativa	5%	5%	5%	6%	7%
Feira/ Mercado	3%	3%	3%	3%	4%
Assentamento	1%	1%	1%	1%	0%

Fonte: Lumen Pucminas.Dados Primários Elab. do autor

TABELA 14**Local de compra de Produtos de Limpeza
Assentamentos do Noroeste de Minas Gerais. 1999**

Locais de compra	Sabão em Pó	Sabão em Barra	Detergente	Água Sanitária	Palha de Aço
Ocorrência de compra	Alta	Alta	Média-alta	Média-alta	Média-baixa
Mercearia/ Supermercado	52%	51%	52%	54%	49%
Venda/ Armazém	39%	40%	39%	37%	41%
Feira/ Mercado	3%	3%	3%	3%	3%
Cooperativa	5%	5%	7%	6%	7%
Assentamento	1%	1%	0%	0%	1%

Fonte: Lumen Pucminas.Dados Primários Elab. do autor

TABELA 15
Local de compra de Produtos de consumo doméstico
Assentamentos do Noroeste de Minas Gerais. 1999

Locais de compra	Gás	Fósforo	Pilha	Vela	Álcool
Ocorrência de compra	Média-alta	Média-alta	Média-alta	Média-alta	Média-baixa
Mercearia/ Supermercado	25%	55%	52%	53%	54%
Venda/ Armazém	26%	37%	41%	38%	35%
Cooperativa	3%	3%	2%	5%	6%
Distribuidora	29%	0%	0%	0%	
Feira/ Mercado	1%	3%	3%	3%	4%
Assentamento	14%	2%	1%	1%	1%

Fonte: Lumen Pucminas.Dados Primários Elab. do autor

5. IMPLICAÇÕES PARA POLÍTICAS PÚBLICAS

Estudos como os desenvolvidos por Medeiros e Leite (1997) têm demonstrado que a organização dos assentados em associações e cooperativas pode desencadear processos e demandas que afetam a dinâmica econômica dos municípios com os quais se relacionam os assentados. De acordo com os autores, “ no que diz respeito ao comércio local, essa nova população movimenta seja o mercado ligado a bens de consumo, como vestimentas, calçados, alimentos, material de construção, seja o de insumos agropecuários, principalmente a partir da liberação dos recursos do Proceca. O mercado é dinamizado ainda pela venda de produtos oriundos dos assentamentos, como é o caso das feiras, da venda direta a supermercados, etc.” (Medeiros e Leite, 1997)

Os dados obtidos na pesquisa com os assentamentos do Noroeste de Minas Gerais confirmam, em termos gerais, a importância dos assentados como agentes econômicos que inserem recursos monetários no comércio local, indicado pela pauta de consumo alimentar diversificada.

A ponta que precisa ser fechada nesta relação é a criação de canais de inserção dos assentados para que possam simultaneamente obter melhor inserção no mercado como vendedores e melhores condições como compradores. Os dados obtido corroboram as constatações de Carvalho (1998) de que as relações das associações dos trabalhadores rurais nos assentamentos com o mercado são muito precárias em mais de 90% dos assentamentos do país, sendo pequeno o número de assentamentos que mantêm relações freqüentes e estáveis com o mercado.

6. BIBLIOGRAFIA

BNDES, (1996) Comércio Varejista: Supermercados. Estudos Setoriais . Rio de Janeiro

CARVALHO, Horacio M (1998) Formas de Associativismo Vivenciadas pelos Trabalhadores Rurais nas Áreas Oficiais de Reforma Agrária no Brasil. IICA /MEPF/NEAD. Curitiba, 1998

CUNHA, Altivo R. A *et al.* (2000) Políticas locais de Abastecimento Alimentar: entre a regulação e as políticas compensatórias. IN Belik, W. e Maluf, R. **Abastecimento e Segurança Alimentar - Os limites da liberalização.** .Campinas/SP. IE/Unicamp.2000

----- (1999) Uma análise de assentamentos rurais em Minas Gerais: perfil, qualidade de vida, hábitos de compra e renda. Capítulo de Livro IN: Nabuco, M.R. e Carvalho Neto, A (1999) . **Relações de Trabalho Contemporâneas.** IRT/ PUCMinas. Belo Horizonte.

----- e LEMOS, Mauro B. (1997) Segurança alimentar e Políticas locais de abastecimento. **Revista Econômica no Nordeste** . Vol. 28 . Jul /1997.

----- e LEMOS, Mauro B. (1996). Segurança alimentar sob o prisma das políticas urbanas de abastecimento. **Texto para discussão 113. CEDEPLAR.** Belo Horizonte. Março. 1996.

MEDEIROS, Leonilde S. e LEITE, Sérgio (1997).Os impactos regionais dos assentamentos rurais: dimensões econômicas, políticas e sociais. In: **CPDA/Debates**, 4, dezembro

MEDEIROS, Leonilde S. e LEITE, Sérgio. Perspectivas para a análise das relações entre assentamentos rurais e região. Relatório de Pesquisa FINEP/CPDA/UFRRJ. Texto disponível no site: http://www.nead.gov.br/home/perspectivas.htm#*